

MANUSCRITO: <u>CONTOS</u>
TÍTULO: <u>PARA O IDOLO DE BARRO QUE EU TROUXE DE VIAGEM AO MEXICO E PARA O MEU CALCULO NO RIM.</u>
TOTAL DE PÁGINAS: <u>003</u>
DATA: <u>12/06/1972</u>

1971

PARA O IDOLO DE BARRO QUE EU TROUXE DA VIAGEM AO MEXICO

E

PARA O MEU CALCULO NO RIM

O Guerreiro foi purificado pelo fogo

O Idolo de barro foi purificado pelo fogo.

O Cacique de penas vermelhas foi purificado pelo fogo. Havia muito esta necessidade de purificação geral.

Ele era meu amigo, nós tínhamos vindo de muito longe, numa integridade física incomum aos que trafegam tais caminhos, embora nossa moral já estivesse um tanto abatida em vista das inumeras coisas que tivemos de fazer para dormir em algum lugar e pelo pão nosso de cada dia.

Se bem que meu Guerreiro não parecia possuir nenhuma moral. Tinha, isto sim, uma pena na mão que também podia ser uma espada (nada era completamente definido a não ser os olhos e o cocar.

Dias e noites eu chegava em casa e refletia nos móveis e nos quadros da parede e em qualquer coisa que se achasse ao alcance de minha mão todos os tropeções que eu tinha dado, mas nunca notava sua presença ali parado, completamente indiferente a tudo, sem revelar por um instante se estava contente ou não com o que acontecia.

Talvez ele tenha ficado muito chateado com isto,

o fato é que começou a emitir vibrações, e mais vibrações, e um sem número de vibrações, tudo começou a se complicar na minha vida sem que eu soubesse o verdadeiro culpado, e o culpado era ele, sentado de pernas cruzadas, importante demais para que eu pudesse notar sua presença.

Até que um dia eu precisei vestir uma camisa azul, e para isto eu tinha:

- a) que penitenciar-me
- b) que ler um trecho da Bíblia sorteado ao acaso, e o trecho foi sobre o maná que Moisés
- c) ouvir a Marcha Nupcial de F. Mendelssohn
- d) descobrir os sinais ocultos na Natureza enquanto vestia a nova camisa azul

E PARA ISTO EU TINHA QUE COLOCAR O QUE ESTAVA ERRADO EM PRATOS LIMPOS

Então o guerreiro suicidamente começou a emitir uma luz assim estranha, que eu interpretei a primeira vista como saudades do lar mas logo ficou claro toda a sua conspiração.

Ele não me explicou nada, nem satisfez minha curiosidade sobre a pena/espada que tinha nas mãos. Na verdade o guerreiro esta uma estátua de barro e não disse nada, eu nem sei mesmo se foi ele quem fez tudo aquilo, mas eu precisava encontrar um culpado, um condensador, entendem?

A camisa azul decidiu seu destino. Muito a contragosto abandonou os livros de magia com os quais convivera tanto tempo, e deixou-se levar até o banheiro, a única parte não inflamável da casa, o único lugar onde eu podia fazer a Purificação sem com isto destruir o edifício e o planeta. No caminho arrastou consigo um pequeno idolo de obsidiana que tinha a desmoralizadora função de cinzeiro e nem sabia o que estava acontecendo (ou será que o nosso novo personagem era irremediavelmente o Grande Culpado?)

No banheiro eu joguei álcool sobre sua cabeça e ateei fogo. O idolo cinzeiro teve o mesmo impiedoso tratamento, já que se achava em companhia de pessoa não qualificadas.

E quando voltei mais tarde, a chama havia purificado tudo. Os dois ainda se encontravam de pé, já que eram feitos de material refratário, mas a maldição e a vida haviam sido vencidas. Eu era um homem vitorioso e a vitória me caía muito bem.

Mas antes de abandonar a matéria o guerreiro já entre as chamas olhou ~~para~~ a sua volta, e como antes nunca tinha estado num banheiro escolheu a forma mais conhecida - e esta forma era o vaso sanitário - dizendo então: "no dia da minha morte esta ânfora se encherá de sangue".

Eu vim perceber isto mais tarde quando minha urina saiu de cor diferente, e durante o resto do dia eu sangrei sem saber que a Última Maldição do guerreiro Sentado agonizava entre minhas pernas e deixava seu último, brilhante e colorido rastro.

O médico tirou radiografias e falou que era um cálculo no rim.

Flamengo, 12 junho 1972